

**DO TRADICIONAL AO SUSTENTÁVEL:  
A UTILIZAÇÃO DAS CINZAS EM VIDRADOS CERÂMICOS NO BRASIL.**

Autores: Vanessa Yoshimi Murakawa, Lalada Dalglish.

Local: Instituto de Artes- UNESP

Estrada do Sabão 1136

Jardim Maristela 02806-000 São Paulo

yoshary@gmail.com

**RESUMO**

*Uma das mais antigas técnicas usadas pelos ceramistas orientais é o esmaltar a partir de cinzas, que juntamente com outros minerais se transformam em um vidro de características próprias, com efeitos visíveis pela raridade e sutileza das peças. Atualmente no Brasil, ceramistas vem utilizando as cinzas de vegetais na composição de vidrados cerâmicos, estas cinzas procedem do reaproveitamento de materiais que seriam descartados: podas de gramas, gravetos, tronco de árvores, entre outros vegetais. O presente trabalho vem relatar a partir de um breve histórico a utilização dos vidrados de cinzas no Brasil, partindo da introdução da cerâmica de alta temperatura pelos imigrantes japoneses, apresentando os primeiros ceramistas e alguns ceramistas atuais (descendentes e não descendentes) que utilizam da técnica, além de relatar sua relevância na questão ambiental voltada à sustentabilidade.*

Palavras-chave: vidro, cinzas, cerâmica.

## INTRODUÇÃO

Considerado o mais antigo vidro utilizado pelo homem, o vidro de cinzas teve sua origem na China, na dinastia Shang (século XVI a.C) e o seu desenvolvimento está relacionado com o surgimento dos fornos de alta temperatura que alcançavam temperaturas acima de 1200°C. As cinzas da lenha usadas como combustível depositavam-se sobre as peças formando assim uma fina camada de vidro. A técnica passou pela Coréia e por influência dos ceramistas coreanos chegou ao Japão, onde a utilização é tradicional e sobrevive até os dias atuais.

No Brasil foi introduzido por imigrantes japoneses com introdução da cerâmica de alta temperatura.

### Percurso das cinzas e da cerâmica de alta temperatura no Brasil.

Segundo Moraes (2010) o Brasil não tem tradição de cerâmica de alta temperatura, antes da Segunda Guerra as cerâmicas de alta temperatura eram importadas da Europa. Foram os imigrantes japoneses 50 anos após o início da imigração que data de 1908, que influenciaram a produção continuada dessa cerâmica. A pesquisadora relata que em 1953, no primeiro navio de imigrantes do pós-guerra chega ao Brasil jovens técnicos chefiados pelo especialista em porcelana Mizuno Yozo, entre eles Kojima Yasuichi natural da província de Gifu, (região conhecida pela tradição em cerâmicas denominadas Mino), a partir de 1959, instala a primeira fábrica de porcelana japonesa no Brasil.

“É então a partir de 1959 que a família Kojima acelera a instalação da fábrica, utilizando materiais obtidos na região: tijolos refratários quebrados do pátio de uma indústria local, tijolos comuns das olarias vizinhas e argila das sobras de uma fábrica de bonecas. A primeira fornada acontece entre 7 e 9 de Abril de 1960, constituída na sua totalidade por peças fabricada com a ajuda de um torno manual trazido por Kojima Juho do Japão. Só mais tarde a família passa a usar um torno elétrico, gerando um aumento significativo na produção. A Fábrica de Porcelanas Kojima foi a primeira fábrica de porcelana japonesa do Brasil, existindo até hoje em Mauá, onde se localiza também, desde 1937, a fábrica das famosas porcelanas Schmidt” (MORAES,2010).

Essa época também foi marcada pela chegada de artistas japoneses no estado de São Paulo, e no final dos anos 60 que a cerâmica começa a ganhar campo no cenário artístico.

“Entre as tendências que imprimiram suas marcas na cerâmica contemporânea, temos a arte que fazem hoje no Brasil ceramistas ligados aos conceitos orientais, a contemplação. Os artistas japoneses radicados em São Paulo, desde o início do século, trouxeram consigo uma tradição cerâmica ligada ao objeto utilitário. Contudo, no período pós-guerra outros artistas aqui chegaram e, entre eles, alguns com posturas mais conservadoras, com conceitos de arte dentro da filosofia oriental, sendo a cultura japonesa eminentemente estética.” (FRANÇOIS,2006 pg.64)

Esse tipo de conceito Eagleton (2005,pg.10) considera como “verdades culturais, a arte elevada, tradicionais de um povo”, uma maneira de se preservar a cultura, uma parte da identidade étnica.

No Japão a cerâmica tem um nível de apreciação estética impar, a filosofia usada nos tratados de cerâmica como o Zen, o oleiro desenvolve o espírito juntamente com a habilidade para adquirir algo além da técnica (Murakawa,2009,pg10), os materiais utilizados são considerados expressivos por isso ocorre todo o ritual de escolha do barro, cinzas e tipo de forno.

“O oriente nos mostra das mais diversas formas (religião, arte, filosofia,práticas) que o universo e o homem constituem uma única e mesma realidade, ao mesmo tempo instável,inconstante e indivisível. Sou o ar que respiro, o alimento que absorvo, as sensações que experimento, as palavras que registro...sou o barro que modelo.” (NAKANO,1989,pg 24)

Junto à tradição do fazer cerâmico japonês, os vidrados de cinzas são incorporados e adaptados para os materiais abundantes no Brasil

A ceramista Shoko Suzuki, chegou ao Brasil com a primeira leva de artistas em 1962, seu trabalho traz toda a tradição da cultura oriental, e a beleza dos recursos naturais locais.

“Em meio as suas pesquisas, seus sonhos de alquimista levaram-na a produção de uma nova matéria, utilizando a madeira.com sua visão criadora, inventou um esmalte especial utilizando cinzas de galhos de árvores variadas, submetidas por um longo processo de decantação.” (MORAES,2007 pg.52)



Figura 1: Peça de Shoko Suzuki.

Na década de 70, outros ceramistas japoneses chegam e fixam residência no Brasil, entre eles:

Kenjiro Ikoma, natural de Mie no Japão, chegou em 1973, construiu o primeiro forno Anagama no Brasil e tem contribuído com o ensino de técnicas tradicionais na cerâmica. Em seus vidrados utiliza a cinza de eucalipto provenientes da queima do forno, seu atelier atualmente fica em Itapeverica da Serra.



Figura 2: Peça de Kenjiro Ikoma esmaltada com cinzas

Akinori Nakatani, nasceu em Osaka (Japão), formado em Educação Artística em Kyoto, foi discípulo de Mitsuo Kanoo de 1968 a 1970. Chega ao Brasil em 1974 e em 1978 instala seu atelier em Mogi das Cruzes onde está em funcionamento até hoje. Nakatani utiliza uma porcentagem de cinza em todos os vidrados, são usadas as cinzas da palha de arroz, adquirida de uma beneficiadora e as cinzas do eucalipto provenientes da queima do forno Noborigama. Atualmente esposa e filhos também trabalham na produção cerâmica do atelier.



Figura 3: Peça de Nakatani com cinzas de palha de arroz.

Mieko Ukeseki nasceu em Mie, Japão. Inicia as atividades em cerâmica em 1971 em Fukuoka. Transfere-se para o Brasil em 1975 e junto a outros artistas instala o atelier do Antigo Matadouro, em Cunha –SP onde permanece até hoje. Mário Konishi, companheiro de atelier, é natural do Paraná, se instala em Cunha em 1984, casa-se com Mieko, por influência natural inicia seu trabalho como ceramista (Silva, 2011, pg 92). Segundo conversa com Mário Konishi, as cinzas de eucalipto recolhidas da queima são utilizadas nos vidrados, além de outros materiais naturais. A cidade de Cunha é considerada hoje um pólo cerâmico com mais de 20 ateliers e com 5 fornos Noborigamas em atividade.

“Nos Ateliês que usam o forno Noborigama, a maior parte dos esmaltes é feita artesanalmente. Os ceramistas usam uma técnica trazida pelos ceramistas do grupo do Antigo Matadouro, a qual ao longo dos anos mantém-se praticamente inalterada: toma-se como matéria prima, cinzas vegetais, em geral as de casca de arroz e de eucalipto (retiradas da fomalha, após a queima do biscoito), por conterem alto teor de sílica” (Silva, 2011, pg 88 ).



Figura 4: Peça de Mieko Ukeseki

A partir da década de 80 inspirados nas técnicas tradicionais, começam a surgir a cerâmica da segunda e terceira geração de descendentes e de brasileiros sem descendência japonesa ( Moraes 2010).

Em 1984 se instalam em Cunha, o casal Gilberto Jardineiro e Kimiko Suenaga, utilizam o vidro de cinzas em grande parte de sua produção. São utilizadas na esmaltação das peças as cinzas de casca de arroz e de eucalipto, e outros materiais como argila, calcita, quartzo, areia e pedra ferro. Segundo Jardineiro, o processo de obtenção de esmaltes é um processo assim como a composição da argila utilizada e a queima em forno Noborigama, são resultados de vários testes, de anos de experiência. Técnica tradicional japonesa que adaptada aos materiais e a maneira de fazer cerâmica no Brasil, gera admiração a cada vez que uma abertura de fornada é realizada.

A ceramista Sueli Massuda natural de Marília, interior de São Paulo, graduou-se em desenho industrial na FAAP. Em 1982, foi ao Japão com o intuito de pesquisar embalagens e acabou se interessando pela cerâmica. Em Mitaka no Japão foi aprendiz de ceramistas onde aprendeu a tornear e sobre a técnica de esmaltação com cinzas. Atualmente com atelier em São Paulo, ministra aulas de torno e vidrados sua especialidade. Em suas peças utiliza diversas cinzas, a de eucalipto na maioria. Sueli utiliza as cinzas como matéria –prima no vidro e também com o intuito de preservar o que é tradicional.

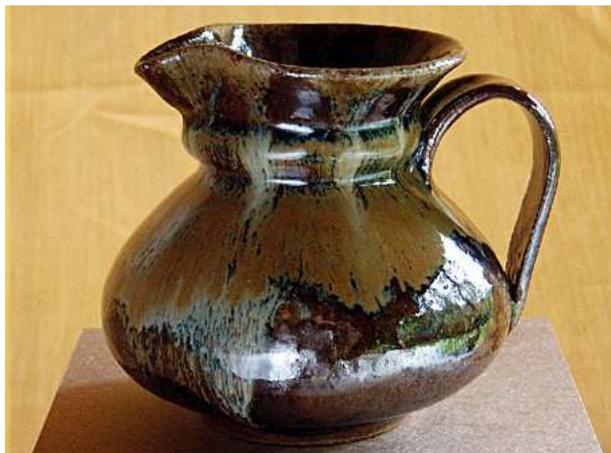


Figura 6: Peça com cinzas de eucalipto

Atelier Suenaga e Jardineiro



Figura 7- Prato- Sueli Massuda

Hideko Honma é nissei, da cidade de Lins, a partir de 1994 começa sua trajetória na cerâmica se especializando no Japão. No Brasil, adaptou a técnica tradicional de esmaltação em que se utiliza das cinzas de vegetais, iniciou então a pesquisa com a vegetação brasileira, por ela ser abundante e por ser próxima a sua vida. Utilizou os manuscritos da família na adaptação dos seus esmaltes de cinzas (Murakawa, 2009, pg35).

“Hoje, tal qual meus ancestrais eu concretizo sonhos amassando barro, colhendo galhos e podas de jaqueira, de palha de arroz, de bananeira, de samambaia do mato. A Terra generosa e o Fogo implacável são os meus grandiosos parceiros que a 1.300°C, queimam e purificam transformando estas cinzas vegetais em brancos, marrons, verdes, azuis; acetinados e translúcidos. São infinitas as possibilidades de cores e texturas da farta natureza brasileira que hoje acolhe a minha criação.”(HIDEKO HONMA)



Figura 8: Peça de Hideko esmaltada com cinzas.

Pernambucana nascida em Recife, Acácia Azevedo atua como ceramista há mais de 10 anos. Atualmente tem um atelier em Vinhedo onde desenvolve seus projetos, suas peças. Ministra aulas de modelagem em torno, modelagem manual, engobes e formulação de vidrados cerâmicos. Utiliza como matéria prima além dos minerais as cinzas vegetais. O primeiro contato foi com a cerâmica popular, onde o figurativo estava muito presente, mas como queria participar da vida das pessoas, alterar seus hábitos, seus gestos, se interessou pelos utilitários e o trabalho em alta temperatura.

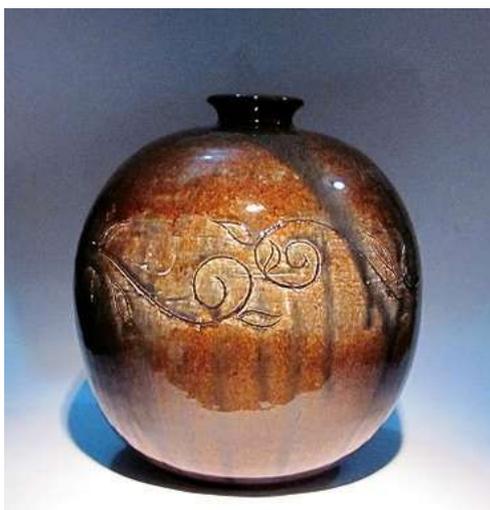


Figura 9: Vaso –vidrado de cinzas- Acácia Azevedo.

Uma das ações relacionadas à sustentabilidade é o reaproveitamento de resíduos. Alguns ceramistas e indústrias vem incorporando as cinzas em seus produtos.

Em Barra do Graças, Cuiabá-MT as ceramistas Odília e Lucileika integrantes do Valearte, utilizam as cinzas de matérias primas regionais para diferenciar sua cerâmica e atribuir características próprias.

“Queremos trabalhar com coisas regionais, inclusive matéria-prima”, ressalta, informando que normalmente se usa a cinza de cedro e pinus, madeiras que não têm nada a ver com nossa cultura e região. Ela acredita que o uso da cinza regional vai valorizar ainda mais as peças, sem falar que poderão conseguir cores únicas com o uso desses materiais. Elas mesmas vão a campo recolher o material – pedaços de galhos, folhas secas. Para produzir um quilo de cinza precisam de 4 a 5 sacos de 50 quilos de resíduos”(COMINI,2012)



Figura 10- Ceramista Lucileicka



Figura 11- Pastilhas esmaltadas com cinzas

A Lepri Cerâmica, indústria de revestimento cerâmico utiliza as cinzas de madeira, olarias e fundições, na fabricação de um vidrado para ecopastilhas (Figura 11).

"O esmalte a base de cinzas é muito antigo, foi um dos primeiros descobertos pelo homem", afirma o ceramista. Estamos retomando essa tecnologia. Segundo Lepri, as cinzas são misturadas à base do esmalte e dão a cor à mistura, que podem ser de diferentes tonalidades de acordo com a origem das cinzas." (REVISTA SUSTENTABILIDADE)

Como podemos observar, as cinzas de vegetais oferecem um campo amplo de possibilidades na pesquisa de vidrados cerâmicos, no Brasil as cinzas mais utilizadas por ceramistas são as de eucalipto provenientes da queima de fornos a lenha ( Anagama e Noborigama) encontradas com mais facilidade e em maior quantidade em pizzarias e olarias, e a cinza da casca de arroz, geralmente compradas de beneficiadoras. O trabalho com cinzas vem auxiliando no desenvolvimento sustentável, pois reutiliza materiais que seriam descartados, no caso da casca de arroz, ocasiona a diminuição da quantidade de um dos resíduos agro-industriais mais abundantes no Brasil. Esta prática é vantajosa, pois as cinzas podem substituir algumas matérias-primas, além de oferecer efeitos que dão às peças características únicas.

## CONCLUSÕES

Atualmente as cinzas são utilizadas por vários ceramistas no Brasil, que adaptaram a técnica aos materiais abundantes da região, é interessante observar que as razões atribuídas ao uso estão ligadas ao aspecto cultural que envolve toda a questão da tradição familiar, da descendência, da influência aos não descendentes pelos seus mestres, outras pelo aspecto sustentável que atribui a cerâmica características próprias de determinado local, reaproveitando um material que seria descartado.

Podemos considerar esse panorama gratificante, pois a cultura japonesa e brasileira não se repelem, mas geram novas idéias, criando novas linguagens (François, 2006 pg 55). Na cerâmica dá continuidade a uma técnica milenar e amplia pesquisas relacionadas a cinzas de vegetais como material relevante ao desenvolvimento sustentável e principalmente na composição de vidrados cerâmicos.

## REFERÊNCIAS:

EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo. Editora UNESP, 2005.

COMINI, Rita. Artesãs de Barra dos Garças testam cinzas do cerrado para criar peças únicas. Net, Mato Grosso. Agencia Sebrae. Disponível em:  
<<http://www.mt.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=795&cod=12898658>>.  
Acesso em 18/01/2012.

FRANÇOIS, Marlene R. Ciranda de arte: leitura de textos/obras tridimensionais da artista Katsuno Nakano. Tese de doutorado. Porto alegre, 2006.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HONMA, Hideko. O Ceramista. Acervo particular do pesquisador ( 14/07/2007).

MORAES, Liliana G. A cerâmica japonesa no Brasil: Contexto histórico e modificações socioeconômicas que permitiram sua produção e demanda no estado de São Paulo no Pós-guerra. Estudos Japoneses, São Paulo, número 30, p.33-48, 2010.

MORAES, Sumaya M. Descobrir as texturas da essência da terra: formação inicial e práxis criadora do professor de arte. Tese de doutorado. São Paulo, 2007.

MURAKAWA, Vanessa Y. a magia dos recursos naturais na arte: esmaltes cerâmicos de cinzas de vegetais. Bauru, 2009.

NAKANO, Katsuno. Terra, fogo Homem. São Paulo: Oriente, 1989.

REVISTA SUSTENTABILIDADE. Cerâmica verde recicla lâmpada fluorescente e cinza de olaria. Disponível em:  
<<http://www.revistasustentabilidade.com.br/construcao-verde/ceramica-verde-recicla-lampada-fluorecente-e-cinza-de-olaria>> Acesso em 28/08/2010.

SILVA, Kleber José da. Caminhos da cerâmica em Cunha: Paneleiras, olarias e ateliês, elementos importantes na formação do histórico ceramista da cidade. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011

## FROM TRADITIONAL TO SUSTAINABLE: USE OF ASHES IN BRAZIL IN CERAMIC GLAZES.

### ABSTRACT

*One of the oldest techniques used by potters Eastern enamelling is from ash, which along with other minerals are transformed into a glaze of characteristics, with visible effects due to the rarity and subtlety of the pieces. Currently in Brazil, potters have been using the ashes of plants in the composition of ceramic glazes, these ashes come from the reuse of discarded materials that would be: cuttings of grasses, twigs, tree trunks, among other vegetables. The present work reports from a brief history of the use of ash glazes in Brazil, from the introduction of high-temperature ceramics by Japanese immigrants, with the first few potters and ceramists today (descendants and non descendants) using the technique, in addition to reporting its relevance in environmental issues focused on sustainability.*

Key- words: glaze, ash, pottery.